

Emater estimula doce caseiros

29 NOV 1981

29 NOV 1981

ANA CLAUDIA BARBOSA
Da Editoria de Cidade

"Sou uma mãe feliz porque compro doces do grupo de senhoras de Almêcegas e lá tudo é natural, não tem nada químico. O atendimento é espetacular e tudo sai mais barato". Com tais dizeres, escritos em letra incerta numa cartolina amarela pregada na parede, quatro senhoras do Núcleo Rural de Almêcegas, a 24 quilômetros de Brazlândia, recebem os interessados em comprar bombons caseiros, feitos com leite, amendoim, batata-doce e frutas da própria região.

Elas participam de um projeto da Emater que tem por objetivo aproveitar o excedente da produção local e aumentar a renda da família. "já que a mulher rural ou trabalha na lavoura ou dentro de casa", explica a extensionista do escritório local da empresa, Anete Fritz.

SIMPLICIDADE

Com muita simplicidade, numa cozinha de no máximo 12 metros quadrados coberta por telhas de zinco com chão de terra batida,

as goianas Belamina Cardoso — a tia Bela, 72 anos, Maria Luzia de Alcântara, 31 anos, Gerarçina Cardoso, 41 anos, e a mineira Maria Alves Lopes, 65 anos, colocam em prática toda a sua experiência em fazer doces, apreendido quando ainda eram pequenas.

"Em Minas, eu fazia muito doce no Natal, mas esses em calda e bombons eu aprendi aqui", conta Maria Alves, a mais sorridente do grupo. Antes de se entregar a esse projeto da Emater, ela trabalhava no campo, como quase toda a comunidade local. Apenas a tia Bela, em função da idade e de problemas cardíacos, se ocupava com a venda de tecidos, feitos em tear, próprio.

O projeto de montar o Grupo de Produção Caseira de Alimentos começou em 1981, partindo de uma idéia da extensionista Vera Lúcia Pinheiro. Através dela, 10 senhoras conseguiram comprovar ao Sistema Nacional de Empregos (Sine) a viabilidade econômica de fabricar doces caseiros, aproveitando a matéria-prima local.

A ajuda veio logo em seguida. O órgão doou ao gru-

po um fogão industrial, pia, liquidificador, balança, mesa, panelas, fôrmas e peneiras. Mas isso não era suficiente; em 1985 a idéia de Vera Lúcia quase fracassou. A venda dos doces, restrita a moradores de Brazlândia, foi fraca. "Afimil, está nessa satélite a menor renda per capita do Distrito Federal. Ninguém dali vai gastar dinheiro comprando doce, por mais gostoso que seja", justificou Anete Fritz.

Aos sábados, os doces de batata-doce, mamão, banana, amendoim, leite e outros outros eram enviados à feira da região e não tinham saída. "Teve uma vez que elas só conseguiram lucrar Cz\$40", lembra Blaiton Carvalho, técnico da Emater. A decepção acabou afastando seis das 10 senhoras que compunham o grupo.

Foi quando a extensionista Anete Fritz chegou ao escritório local da Emater para substituir Vera Lúcia. Empolgada com o projeto e simpatizando de imediato com a Tia Bela, Maria Luzia, Maria Alves e Gerarçina, ela resolveu fazer uma campanha de recuperação do grupo e da idéia.